

## A HETEROGENEIDADE NA ALFABETIZAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS NO PIBID

### Eixo 2 – Formação e Desenvolvimento Profissional

Ana Carolina Santos Ribeiro<sup>9</sup>

Gabriely de Castro Souza<sup>10</sup>

Maria Eduarda Soares<sup>11</sup>

#### Resumo

O presente relato partiu da observação, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), da diversidade de ritmos de aprendizagem em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Essa observação levou à seguinte problemática: como organizar o trabalho pedagógico de forma a contemplar os diferentes níveis de apropriação da leitura e da escrita em turmas de alfabetização, diante das exigências dos documentos curriculares oficiais? O objetivo do relato é compreender como a heterogeneidade, especialmente no processo de alfabetização, impacta a organização do trabalho pedagógico. Como resultados, aponta-se que a experiência vivenciada pelas bolsistas revelou que, longe de ser um obstáculo, a diversidade de ritmos e conhecimentos exige um planejamento pedagógico flexível e contínuo. Conclui-se que a prática docente, fundamentada em avaliações diagnósticas e estratégias diversificadas como projetos e atividades lúdicas, mostra-se essencial para atender às necessidades individuais, e cabe ao professor mediar esse aprendizado respeitando as singularidades, transformando a sala de aula em um ambiente de inclusão.

**Palavras-chave:** Heterogeneidade; Alfabetização; Aprendizagem; Docente; Desenvolvimento.

#### Introdução

A heterogeneidade está presente em toda sala de aula e constitui uma característica inerente ao ambiente escolar, refletindo a diversidade de experiências, ritmos, conhecimentos e necessidades de aprendizagem dos estudantes. Essa diversidade fortalece o processo de democratização do ensino, uma vez que reconhece e valoriza as singularidades de cada aluno. Nesse contexto, é fundamental que toda a comunidade escolar compreenda que conviver com a heterogeneidade significa promover uma educação mais inclusiva, equitativa e comprometida com o direito de todos à aprendizagem.

Diante dessa realidade, o professor, ao planejar, desenvolve estratégias capazes de atender às diferentes necessidades apresentadas pelos estudantes, tanto em suas especificidades individuais quanto nas demandas coletivas da turma. Essa tarefa exige sensibilidade, flexibilidade e constante reflexão sobre a prática pedagógica, pois o docente, muitas vezes, precisa se desdobrar para elaborar propostas que contemplem as particularidades da sala. Como afirma Silveira (2013, p. 84) “[...] a heterogeneidade deve deixar de ser considerada como um problema, e ser enfrentada como uma realidade que pode produzir grande riqueza de trocas de saberes e ajudas mútuas”.

Quando o professor acredita no potencial de aprendizagem de todos os estudantes e assume o compromisso de desenvolver um trabalho pedagógico que respeite suas diferenças, torna-se possível promover avanços significativos no processo educativo. Isso pode ocorrer por meio de atividades direcionadas ao desenvolvimento do sistema de escrita alfabética, de interações entre os próprios

<sup>9</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia/FAED da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Voluntária do projeto: Histórias, brincadeiras e narrativas infantis. E-mail: ana\_carolina\_santos@ufms.br.

<sup>10</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia/FAED da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: gabriely.souza@ufms.br.

<sup>11</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia/FAED da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: eduarda\_araujo@ufms.br.

alunos, da mediação docente ou de propostas voltadas para a leitura e a produção de textos. Dessa forma, essas estratégias favorecem a reconstrução dos conhecimentos já existentes, ampliam as possibilidades de aprendizagem e impulsionam o desenvolvimento integral dos estudantes.

Cada criança possui suas próprias particularidades e uma maneira singular de compreender o mundo. Nesse sentido, esse relato traz reflexões sobre as experiências vivenciadas pelas acadêmicas bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), uma política educacional que tem como principal objetivo proporcionar a inserção dos acadêmicos no cotidiano das escolas públicas de Educação Básica, aproximando-os da realidade escolar e contribuindo para o aperfeiçoamento da formação docente por meio da vivência prática e da parceria com as professoras/supervisoras.

As atividades de observação participativa foram realizadas em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, composta por uma média de 26 a 28 alunos no período vespertino de uma escola da rede municipal. Ao longo das quatro horas diárias de permanência em sala de aula, foi possível observar o quanto as crianças aprendem, interagem e se desenvolvem por meio das relações estabelecidas entre si e com os adultos presentes. Momentos de diálogos possibilitam às acadêmicas compreender melhor as necessidades, os interesses e as formas de aprendizagem de cada estudante. Durante essas interações, tornou-se evidente que a turma apresenta diferentes ritmos de aprendizagem, interesses variados e múltiplas formas de construir conhecimentos. Enquanto algumas crianças aprendem com maior facilidade por meio da explicação oral, outras necessitam de recursos visuais ou de um acompanhamento mais individualizado. Essa diversidade de características, experiências e modos de aprender evidencia a heterogeneidade presente na sala de aula.

### **A Heterogeneidade no processo de alfabetização: um relato de experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)**

Ao acompanhar a turma do 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Abel Freire de Aragão, entre os meses de maio e julho de 2026, observamos que a heterogeneidade dos níveis de alfabetização constitui uma característica marcante no cotidiano escolar, influenciando diretamente o planejamento docente. A convivência no dia a dia da sala de aula nessa instituição evidenciou que essa heterogeneidade não é uma exceção, mas uma característica presente em qualquer turma em processo de alfabetização. Durante o acompanhamento da rotina escolar foi possível perceber que a ideia de uma turma homogênea, em que todos os estudantes aprendem no mesmo ritmo, não corresponde à realidade.

Essa compreensão dialoga com o que defendem Leal e Pessoa (2023), ao considerarem a heterogeneidade como uma característica inerente ao ambiente escolar e ressaltarem a necessidade de que o professor desenvolva estratégias capazes de atender às diferentes necessidades de aprendizagem presentes na turma. Ao retomarem as contribuições de Cortesão e Stoer (1996, *apud* Leal; Pessoa, 2023), as autoras destacam que o docente deve assumir uma postura investigativa, voltando seu olhar para as singularidades dos estudantes por meio de um “olhar não daltônico”, isto é, um olhar sensível às diferenças e potencialidades de cada criança.

Na turma acompanhada, essa heterogeneidade manifestou-se de forma nítida no desenvolvimento da leitura e da escrita. Enquanto uma minoria de estudantes já demonstrava autonomia na leitura de pequenas histórias, a maior parte apresentava dificuldades no reconhecimento silábico básico, estando no início do processo de apropriação da escrita, com dificuldades para reconhecer os sons das letras, formar sílabas e realizar a leitura de palavras. Observou-se, por exemplo, que muitas crianças estão em uma etapa na qual recorrem a pistas visuais para realizar a leitura não convencional das palavras, por exemplo, utilizando a letra inicial como referência e lendo “jacaré” ao visualizar a palavra “janela”. Essa estratégia, denominada por Smith (1999) de “predição”, ao invés de sinalizar o que as crianças não sabem, fornece ao professor informações sobre

o que elas já sabem: que as letras representam a pauta sonora, que estão diante de uma palavra e não de um desenho ou uma frase, e que reconhecem o som da letra J, o que faz com que eliminem outras alternativas nesse “jogo de adivinhação”. Essa operação cognitiva, segundo o autor, é essencial para a apropriação da leitura e para o desenvolvimento de uma leitura fluente, não limitada pela tentativa de decodificação letra a letra dos textos. Além disso, tal realidade confirma a tese de que não existem turmas homogêneas e que as diferenças não devem ser vistas como problemas, mas como dados reais que exigem estratégias de ensino diversificadas.

Em uma das atividades realizadas de forma individual com algumas crianças, a professora orientou que fizéssemos a leitura das atividades e esclarecêssemos apenas as dúvidas relacionadas às instruções. No entanto, ela enfatizou que deveríamos permitir que as crianças desenvolvessem a atividade de forma autônoma, sem interferências que pudessem induzi-las a uma escrita convencional. O objetivo era compreender como elas interpretavam e entendiam a proposta apresentada. Durante essa atividade, foi comum observar crianças nas hipóteses pré-silábica (respondiam utilizando letras aleatórias) ou silábicas (escreviam uma letra para cada emissão sonora), o que evidenciava um processo inicial de construção da escrita, assim como crianças em hipóteses silábico-alfabéticas (usando, na mesma palavra, ora uma letra por emissão sonora, ora o conjunto de letras que a representava) e alfabéticas (escrevendo as palavras da forma como as ouviam, sem preocupações ortográficas), o que indicava um nível mais avançado de apropriação do sistema alfabético de escrita (Ferreiro; Teberosky, 1985).

Essa diversidade de níveis de aprendizagem tornou evidente um dos maiores desafios enfrentados pela professora, que seria atender simultaneamente às necessidades de todos os alunos. Em diferentes momentos, especialmente durante atividades de produção textual e exercícios de matemática, diversas crianças solicitavam ajuda ao mesmo tempo. Enquanto parte da turma realizava as atividades de forma independente, outras necessitavam de acompanhamento constante e orientações individualizadas. Vivenciar essa realidade permitiu compreender o quanto o trabalho docente exige sensibilidade, organização e atenção para garantir que todos os estudantes avancem em seu processo de aprendizagem.

Durante essas intervenções, foi possível observar o cuidado da professora ao pronunciar lentamente cada sílaba, auxiliando as crianças a compreenderem a relação entre sons e letras para posteriormente, registrarem a escrita. Essa mediação mostrou-se um trabalho que demanda tempo, paciência e dedicação. Ao mesmo tempo, tornou-se evidente como uma sala numerosa dificulta a realização desse acompanhamento individualizado, reforçando a importância de estratégias que possibilitem atender às diferentes necessidades da turma.

Diante desse cenário de diversidade de hipóteses na leitura e escrita, observou-se que a professora regente organizou um projeto que utilizava apostilas específicas para os alunos que estavam em estágios mais iniciais de aprendizagem. Com a nossa participação na rotina por meio do Pibid, passamos a colaborar na mediação dessas atividades, permitindo que os estudantes recebessem mais atenção individualizada durante sua realização. Essa prática encontra sustentação teórica em Pessoa, Castro e Nascimento (2023), ao discutirem a gestão das turmas como um conjunto de ações que visam viabilizar o acompanhamento das crianças em suas necessidades específicas:

O reconhecimento das heterogeneidades presentes em sala de aula mobiliza o docente a acompanhar as dificuldades de aprendizagem dos seus alunos, tentando ajudá-los por meio de mediações na sala de aula ou por meio de intervenções mais específicas em contraturno, dependendo da necessidade. (Pessoa; Castro; Nascimento, 2023, p. 22).

A experiência permitiu compreender que reconhecer em qual momento do processo de alfabetização estão os estudantes constitui apenas o primeiro passo. A efetividade desse processo

depende da organização de intervenções pedagógicas capazes de atender às necessidades identificadas, como foi observado durante as atividades acompanhadas no projeto.

A necessidade de utilizar diferentes estratégias pedagógicas também ficou evidente ao longo da experiência. Diante da diversidade presente na turma, a professora recorria a diferentes recursos para envolver os estudantes e favorecer a aprendizagem. Essa variedade de propostas demonstrou que utilizar apenas uma metodologia não atende às necessidades de todos os alunos, enquanto a diversificação das atividades amplia as possibilidades de participação e aprendizagem.

Somando aos desafios pedagógicos, um fator externo que impacta a gestão dessa heterogeneidade refere-se à constante rotatividade de alunos. Durante as observações, em diálogo conosco, a professora manifestou uma preocupação com relação à rotatividade de alunos, especialmente após as férias de verão. Segundo a docente, é comum que muitas crianças mudem de escola por decisão familiar, motivada pela crença de que um novo ambiente escolar poderia acelerar o desenvolvimento do aluno. Essa prática gerava um fluxo constante de novos estudantes com bagagens escolares muito distintas entre si.

Essa realidade remete diretamente ao conceito de heterogeneidade de percurso escolar, que engloba as experiências construídas pelos sujeitos em diferentes instituições e etapas da vida. A percepção da professora sobre a influência da família nesse processo também dialoga com as heterogeneidades individuais, que incluem os contextos, tipos de interesses, valores individuais e estruturas familiares.

Outra percepção construída ao longo da experiência foi a relevância do planejamento pedagógico. Acompanhando a rotina da professora, observou-se que o planejamento orientava as atividades desenvolvidas, mas precisava ser constantemente adaptado conforme as respostas dos estudantes. Em diversas situações, foi necessário modificar a condução das propostas para retomar conteúdos, oferecer novas explicações ou reorganizar a atividade diante das especificidades apresentadas pela turma. Essa vivência demonstrou que um planejamento eficiente não é rígido, mas flexível o suficiente para responder às necessidades que surgem no cotidiano escolar.

Além disso, tanto a professora regente quanto a própria instituição de ensino realizavam avaliações diagnósticas. A docente utilizava atividades como a escrita de palavras a partir de imagens e a produção de frases baseadas em cenas para acompanhar continuamente o desenvolvimento dos estudantes e planejar intervenções pedagógicas. Paralelamente, a escola também aplicava a avaliação diagnóstica proposta pela Secretaria Municipal de Educação. As intervenções da professora buscavam mapear se o aluno se encontrava nos níveis pré-silábico, silábico ou alfabético para, a partir daí, organizar o atendimento individualizado.

Embora a avaliação diagnóstica nem sempre aparecesse de modo formal, ela estava presente nas observações realizadas pela professora durante as leituras, nas produções escritas e nas atividades diárias. Ao acompanhar essas práticas, tornou-se evidente que identificar o nível de aprendizagem de cada criança permitia direcionar intervenções mais adequadas, respeitando o ritmo individual de desenvolvimento. Esse acompanhamento contínuo favorecia o reajuste das atividades, evitando que alguns estudantes permanecessem com dificuldades sem receber o apoio necessário. Essa conduta prática é fundamentada pela teoria do ensino ajustado:

Como fazer um ensino ajustado às necessidades das crianças sem pensar em uma avaliação diagnóstica? Esta avaliação vai indicar o que a criança sabe e o que ela precisa aprender, para que o docente proponha um planejamento adequado, considerando os conhecimentos prévios dos estudantes. Avaliações contínuas também precisam ser realizadas ao longo do percurso para que o planejamento seja reorientado. (Leal, Pessoa, 2023, p. 13).

Durante as produções escritas, surgiram dúvidas ortográficas que evidenciam a influência da fala na escrita. Os estudantes questionaram, por exemplo, se a palavra “sol” terminava com “L” ou “U” e demonstraram incerteza sobre a letra inicial de “sexta-feira” (S, C ou X). Tais episódios podem ser compreendidos à luz das discussões sobre variação linguística, que alertam para o fato de que a criança traz de casa saberes baseados na oralidade que não devem ser reprimidos como “erros”, mas utilizados como ponte para o domínio da norma-padrão.

Conclui-se, portanto, que as experiências vivenciadas durante o Pibid possibilitaram compreender que a heterogeneidade dos níveis de alfabetização constitui uma realidade inerente às salas de aula e exige do professor um planejamento flexível, contínuo e fundamentado em avaliações diagnósticas. A articulação entre as observações realizadas e os referenciais teóricos evidenciou que reconhecer as diferenças entre os estudantes não significa tratá-las como obstáculos, mas como elementos que orientam a organização das práticas pedagógicas. Nesse sentido, a experiência contribuiu significativamente para a formação docente, ao permitir uma compreensão mais crítica sobre os desafios da alfabetização e sobre a importância de uma atuação comprometida com o direito à aprendizagem de todos os estudantes.

### **Considerações Finais**

Diante dessas observações, ao lado da professora, acompanhando sua prática pedagógica, possibilitou refletir sobre os desafios que a heterogeneidade representa para muitos docentes e instituições de ensino, ao mesmo tempo em que evidenciou as inúmeras possibilidades de transformar essas diferenças em oportunidades para promover o desenvolvimento integral das crianças, respeitando suas singularidades e contribuindo para o avanço de suas aprendizagens ao longo do tempo.

Em diversos momentos, contribuimos com a mediação individual junto àquelas que apresentavam dúvidas sobre os conteúdos, dialogando com a professora sobre as dificuldades observadas e refletindo, em conjunto, sobre estratégias que pudessem favorecer o aprendizado.

Durante esse processo, também foi possível perceber o desenvolvimento contínuo das crianças, aspecto que a professora fazia questão de destacar. Ela nos mostrou a diferença entre o desempenho apresentado pelos alunos no início do ano letivo e o desenvolvimento observado nas atividades realizadas atualmente. Um dos momentos que evidenciou esse progresso ocorreu quando a professora escreveu parte de uma palavra, no quadro, uma palavra que continha a letra ç e que eles deveriam completar oralmente. Ao observarem a palavra, algumas crianças afirmaram que se tratava da letra s, devido ao seu som. Em seguida, refletiram sobre a escrita e concluíram que não poderia ser a letra s, identificando que, naquele caso, a grafia correta era ç. Esse episódio demonstrou que as crianças já estavam estabelecendo relações entre os sons e as letras, desenvolvendo gradativamente conhecimentos sobre o funcionamento do sistema de escrita.

Essa experiência fez toda a diferença, não apenas para as crianças, mas também para nossa formação como futuras docentes. Planejar atividades diversificadas e promover intervenções pedagógicas ajustadas às necessidades dos estudantes mostraram-se ações indispensáveis para garantir que todas as crianças tenham oportunidades efetivas de aprendizagem, respeitando seus diferentes ritmos, conhecimentos prévios e formas de aprender.

Compreender a sala de aula como um espaço essencialmente heterogêneo implica reconhecer que existem diferentes formas de aprender e, consequentemente, diferentes maneiras de ensinar. Além disso, faz-se necessário ampliar as discussões acerca da heterogeneidade no contexto escolar, promovendo espaços de reflexão e compartilhamento de experiências entre professores, pesquisadores e futuros docentes. A formação inicial e continuada desempenha um papel essencial nesse processo, pois contribui para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas,

sensíveis às diferenças e comprometidas com a garantia do direito à aprendizagem de todos os estudantes.

A oportunidade de vivenciar o cotidiano da sala de aula, acompanhando de perto as práticas pedagógicas e as interações entre professor e estudantes, possibilitou compreender, como o processo de ensino e aprendizagem acontece na realidade escolar.

## **Referências**

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LEAL, Telma Ferraz; PESSOA, Ana Claudia Rodrigues Gonçalves. Apresentação da Coleção. *In*: LEAL, Telma Ferraz; PESSOA, Ana Claudia Rodrigues Gonçalves (Org.). **Diversidade social, diferenças individuais e seus impactos sobre o ensino e a aprendizagem**. Belo Horizonte, MG: Rona Editora, 2022. (Coleção Heterogeneidade e educação, v. 1). p. 8-10. Disponível em: <https://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/227.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2026.

PESSOA, Ana Cláudia; CASTRO, Joaquim; NASCIMENTO, Amanda. Orientações didáticas para o tratamento das heterogeneidades no processo de alfabetização: o que apontam as teses e dissertações no período de 2010 a 2016. *In*: LEAL, Telma Ferraz; PESSOA, Ana Cláudia (Org.). **Diversidade social, diferenças individuais e seus impactos sobre o ensino e a aprendizagem**. Belo Horizonte, MG: Rona Editora, 2022. (Coleção Heterogeneidade e educação, v. 1). p. 16-45. Disponível em: <https://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/227.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2026.

SILVEIRA, Renata da Conceição. **A heterogeneidade no último ano do ciclo de alfabetização e as estratégias docentes para o ensino de produção de textos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2013.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.